

**PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA
FAMÍLIA ORIONITA NO BRASIL**

JUVENTUDE ORIONITA
Ser jovem
em tempos de transformação

GRUPO DE ESTUDOS ORIONITA
2020

**PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA
FAMÍLIA ORIONITA NO BRASIL**

**JUVENTUDE ORIONITA
Ser jovem
em tempos de transformação**

Breve opúsculo do GEO-Brasil (Grupo de Estudos Orionita) da Família Carismática Orionita, apresentado no Congresso do GSO internacional, apresentando a perspectiva juvenil orionita a partir dos escritos e das obras de São Luís Orione

**GRUPO DE ESTUDOS ORIONITA
2020**

GEO BRASIL
SÉRIE: OPÚSCULOS TEMÁTICOS

Vai longe nossa estrada, muito longe, mais de anos, mais de décadas. Quase três décadas; duas e meia. Jubileu de Prata. Um grupo de orionitas, com vontade de entender nosso Santo Fundador, suas ações, suas pregações, suas cartas e suas exortações. Debruçamo-nos em textos poéticos, grandemente inspirados; contemplamos histórias e atitudes; apreciamos obras e iniciativas formidáveis. Nosso grande propósito é compreender este homem de Pontecurone, que por graça de Deus tornou-se o protagonista de um projeto e o idealizador de um sonho de caridade e serviço. Este homem proclamado “santo”, por sua bravura, teimosia e dedicação, tornou-se o grande mestre de nossas vidas. Procuramos entender seu pensamento e suas obras para uma hermenêutica que o engrandeça. Se o repetimos sem perceber que os tempos mudaram, podemos até mesmo ridicularizar seu carisma. No entanto, nosso GEO-Brasil quer compreender tão profundamente seu espírito, para que sua obra mais que não sobreviver, viva fecundamente com o frescor dos primeiros dias. Assinamos emocionados este opúsculo, obra de nossas pesquisas e reflexões:

Pe. Antônio S. Bogaz – Coordenador

Pe. Ademar dos Santos - Secretário

Pe. Francisco Alfenas

Pe. Aparecido da Silva

Pe. Rodinei C. Thomazella

Ir. Maria Rufina Pinheiro

Ir. Bernadete

João H. Hansen

Christine Resplande

Eva Yu Bertani

Nanci Bissoli Oliveira

Márcio de Oliveira Ramos

Lucas Alves Fernandes

Pablo Junior Ramos

Edgar Jesus Melo

Deo gratias

Natal do Ano do Senhor de 2020

JUVENTUDE ORIONITA

Ser jovem: em tempos de transformação

SUMÁRIO

Prefácio: os jovens: eles nos abandonaram ou nós os abandonamos?

Introdução: os cenários sociais, familiares e eclesiais da juventude

Capítulo I

Um olhar sobre a identidade do jovem na perspectiva psicoantropológica

Introdução: Descobrimo a alma juvenil

- 1 - Procurando entender o significado de identidade
- 2 - Identidade numa abordagem psicoantropológica
- 3 - A construção da identidade dos jovens
- 4 - Quem sou eu neste novo contexto das redes sociais?
- 5 - Mídias sociais e tecnologias na formação da identidade
- 6 - Falta de identidade? Algumas causas e possíveis soluções

Conclusão

Capítulo II

A realidade juvenil um olhar sociológico

Introdução: A complexa realidade social dos jovens

- 1 - Procurando entender o significado de identidade
- 2 - O jovem e o ambiente do trabalho
- 3 - O jovem e a desigualdade social

Conclusão

Capítulo III

A comunicação dos jovens: internet como ambiente, cultura e antropologia juvenil

Introdução: Para entender o mundo juvenil: O logos se fez site

- 1 - Juventude mergulhada na cultura virtual
- 2 - Acampamento juvenil no campus internet
- 3 - Jovens em diálogos cibernéticos
- 4 - Jovem comunicador da fé e do carisma
- 5 - Reestruturação da antropologia juvenil
- 6 - Mundo virtual e a espiritualidade juvenil

Conclusão

Pesquisa bibliográfica

PREFÁCIO

OS JOVENS:

ELES NOS ABANDONARAM OU NÓS OS ABANDONAMOS?

Ainda ressoa em nossas lembranças as palavras convocatórias do saudoso Pe. José Masiero, quando questionava sobre a participação dos jovens na vida da Igreja, seja nos movimentos pastorais, nas obras e na vida sacramental. Desde então, a busca de caminhos para aproximar os jovens, tanto para rejuvenescer as dinâmicas eclesiais, quanto para revivificar nossos quadros vocacionais, tem sido um apelo constante e urgente. Ou renovar ou morrer, foi um outro apelo necessário para seguir nossa missão de família religiosa servidora da sociedade dos pobres e da Igreja peregrina.

O mundo está em constante transformação. Aliás o grande objetivo do Concílio Vaticano II é integrar a Igreja na sociedade contemporânea, com seus valores, suas dinâmicas e suas revoluções humanas religiosas. E ainda encontramos fieis leigos e religiosos consagrados que resistem a renovar seu olhar e suas ações evangelizadoras, como se o mundo estivesse estratificado, cristalizado na história de décadas passadas.

Nos últimos anos, como integrantes do GEO-Brasil, nos debruçamos sobre temas pertinentes da vida eclesial e religiosa, bem como das exigências dos povos. Estudamos calorosamente sobre a importância, essência e atualidade dos conselhos evangélicos, bem como sobre a urgência e os desafios da missão cristã, católica e orionita, entre tantos temas. Nesta perspectiva, o aceno da presença da juventude tornou-se um projeto importante, para rever nossas expressões carismáticas do “ser jovem orionita e entre os orionitas”. Consideramos a juventude como importante para miscigenar propósitos e objetivos de nossa presença eclesial e revermos nossas posturas na evangelização, sejam nas obras sócio-caritativas, nas pastorais paroquiais e missionárias e sobretudo no âmbito da formação. A muralha primordial a ser compreendida e escalada é o universo das comunicações sociais, com sua complexidade e desafios.

Nunca abandonamos a premissa que os jovens são pedras vivas que dinamizam nossa família carismática e percebemos que os jovens gostam do carisma orionita, continuam sempre conosco e clamam por nossa presença. Estas páginas nos ofertam os traços dos jovens de nossos tempos. Eles seguem conosco e esperam que jamais os abandonemos. Não são apenas o futuro de nossa história, antes, são parte integrante de nosso presente cotidiano.

GEO Brasil, 2020

INTRODUÇÃO:

OS CENÁRIOS SOCIAIS, FAMILIARES E ECLESIAIS DA JUVENTUDE

Este trabalho foi elaborado por várias mãos. Para sua elaboração foram constituídas duas equipes. Cada equipe buscou elucidar e aprofundar os postulados que subjazem na juventude dos nossos dias, dando-lhe identidade e referência. Na busca destes substratos aqueles que se dedicaram a este estudo se valeram de indicações e rastros da psicologia, antropologia e da sociologia, dentro do emaranhado das tecnologias das redes sociais.

Claro, para entender melhor o jovem hoje faz-se necessário conhecer melhor as realidades com as quais ele se relaciona e que ajudam a modelar e afirmar sua identidade. Sem esse conhecimento torna-se muito difícil ter uma atuação eficiente e construtiva junto aos nossos jovens.

Como o jovem é visto e como o jovem se vê vislumbra-se uma excelente chave de leitura para compreendê-lo melhor. Esta abordagem foi intensamente explorada na elaboração deste texto. Buscou-se relacionar os vários elementos que concorrem na construção do seu “eu mesmo”. Esta não é uma tarefa fácil, daí o socorro às ciências humanas e sociais para sua melhor fundamentação. Por outro lado, essas mesmas ciências não fornecem um modelo rígido e definitivo, conseqüentemente, requer uma reflexão mais aberta e dinâmica na percepção deste mundo que os jovens e todos nós estamos inseridos, definido até como mundo líquido ou mundo sem formas.

Pois bem, os elementos presentes neste cenário podem ser perturbadores na construção da identidade do jovem contemporâneo, pois podem trazer-lhes inseguranças e incertezas, conseqüentemente, desorientá-lo nas suas escolhas e direcionamentos. Por isso, não é uma tarefa fácil acompanhar e orientar a juventude, requer sabedoria e mente aberta, este trabalho quer ser um instrumento de ajuda.

As redes sociais ampliam os nossos mundos. O perigo é não saber se situar e perder-se nesse infinito de possibilidades e relações. Nasce daí a pergunta oportuna: “quem sou eu neste contexto das redes sociais?” Diante das infinitas e contrastantes possibilidades pode-se ficar de mãos vazias ou até mesmo aniquilar-se e perder-se. Quem tem um milhão de amigos, pode não ter amigo, quem se relaciona com tantas ideias, pode não ter a sua; ou até mesmo fechar-se em si mesmo e não aproveitar a riqueza das diversidades. O mundo sem fronteiras pode ser um mundo sem referências. Por isso, não se pode estranhar que o jovem tenha dificuldade de assimilar valores religiosos e culturais. Também, que se apegue exageradamente ao ter ou se radicalize em certas opções ideológicas como forma de afirmação.

Diante desta realidade os nossos autores enaltecem o papel da educação no processo de saber cuidar de si e aprender interagir com outros saberes e culturas; trazem como exemplo concreto os intercâmbios internacionais de estudantes, que possibilitam o contato real com culturas, história, arte, etc nesta dinâmica de aprendizagem. Na conclusão da primeira parte deste texto encontramos a afirmação: “o homem é um ser em construção, sempre em busca de preencher vazios e que nunca estará satisfeito”.

A segunda parte deste trabalho tem como título: “um olhar sociológico”. A proposta é olhar para a realidade da juventude através do filtro da sociedade; sociedade que sofre um violento processo de transformação e, que por sua vez, transforma. Para fundamentar esta afirmação este trabalho aponta alguns cenários influenciadores e transformadores.

O primeiro cenário mostrado é o “mundo urbano” com seus problemas inerentes, especialmente com a carência de modelos que se sustentem. O mundo das cidades é apresentado como fragmentado e efêmero que gera produtos descartáveis, de uso passageiro. Então, este estudo afirma que esta realidade fragmentada e sem sustentação, que valoriza o momentâneo, vai ter forte influência sobre a juventude. Contudo, esta realidade urbana tem seus pontos positivos, tais como: maior igualdade entre os sexos, maior presença feminina no mundo de trabalho, maior liberdade de expressão e busca incessante da felicidade. Isto posto, os autores deste estudo afirmam que não se pode fazer qualquer tipo de comparação de valor entre a juventude de antanho e juventude de hoje. Quando se põe a questão da evangelização da juventude eles entendem que essa pressupõe um permanente conhecimento de sua subjetividade.

No cenário do mundo do trabalho o jovem encontra o seu grande desafio, pois se apresenta mais propenso à execução de tarefas do que propriamente a candidatar-se ao mercado de trabalho, participar de um processo contínuo e gradual de forma engajada. O jovem, com sua subjetividade, organiza o seu projeto marcadamente com os traços provenientes da sua realidade em transformação. Quando o jovem se coloca frente a um projeto de vida profissional ele está sinalizando, especialmente para si próprio, seus desejos de realização. Caso não esteja claro qual é seu projeto futuro torna-se difícil sua habilitação e inserção num segmento específico. Evidentemente que o meio social influencia seu direcionamento na opção profissional.

E o terceiro cenário é o jovem e as desigualdades sociais. Jovens com um padrão de vida elevado são a minoria. A grande maioria experimenta os mecanismos da exclusão social, tornando-se vulnerável aos males que assolam nossa sociedade: desemprego, droga, violência, doenças, migração forçada e todo tipo de exploração. Estar exposto a situações de risco pode determinar certos comportamentos da nossa juventude e influenciar a construção de sua personalidade. Positivamente, essa realidade pode servir de motivação para a busca de uma fé religiosa que lhe venha servir como novas perspectivas de vida.

A terceira e última parte do nosso trabalho tem como tema a internet transformada em ambiente, cultura e antropologia juvenil. Vemos cotidianamente a evolução rápida e eficaz da internet em nosso meio. As mídias sociais estão em todos os cantos, vielas e espaços em que a sociedade ocupa. De maneira

mais específica, a juventude – principal público do uso da internet – está plantando-a nos estudos, no trabalho, nos afazeres domésticos, tornando assim, uma peça importante e necessária da nossa cultura. A internet será sempre um meio e jamais um fim. Neste meio a juventude irá encontrar diversos e dinâmicos caminhos.

Na esperança de que os jovens orionitas buscam sempre ser o “sol do amanhã” estando à frente dos tempos, os meios que a internet e o seu bom uso traz será sempre satisfatório e autêntico buscando o fim último que é o Cristo, aquele Cristo que Dom Orione nos apresenta mergulhado na fraternidade e caridade em servir, inclusive virtualmente.

Então, este é um bom texto que nos mostra a realidade do mundo jovem a partir de diferentes pontos e através de diversas lentes, que são as ciências humanas e sociais. O objetivo deste trabalho é o de tornar-se um instrumento para todos que atuam junto aos jovens e para os próprios jovens.

Para enfrentar os desafios as pessoas devem ser bem formadas, bem preparadas. Portanto, nós não podemos presumir que os nossos jovens estejam devidamente preparados para este enfrentamento. Eles precisam de ajuda, direção e orientação, senão eles correm sérios riscos. “A juventude é o sol ou a tempestade do amanhã” (São Luís Orione).

- I -
CAPÍTULO

UM OLHAR
SOBRE A IDENTIDADE DO JOVEM
NA PERSPECTIVA
PSICOANTROPOLÓGICA

INTRODUÇÃO

Descobrimo a alma juvenil

O tema que nos propomos desenvolver, a identidade dos jovens contemporâneos na perspectiva psicoantropológica, é tão complexo quanto a sociedade hodierna, dinâmica e em pleno e acelerado movimento. Do ponto de vista da Antropologia e da Psicologia e de outras ciências, a identidade do jovem acompanha esse ritmo de mudança e transformação, e se torna uma tarefa difícil de defini-la hoje. Como este tema faz parte de um conjunto de outros temas que abordam o jovem contemporâneo, procuramos nos deter a um olhar da identidade dos jovens, sem abordar e aprofundar os vários contextos e dimensões sociais onde esse jovem interage e nesta interação é construída essa identidade juvenil.

Na sociedade atual é necessário, antes de tudo, reconhecer as novas formas de relacionamento com o mundo e os novos processos de construção de identidade, que passam a buscar referências geograficamente distantes, mas próximas em interesses, sentimentos e afetos. O território aqui deixa de ser o físico para ser o cultural, onde pessoas se reúnem em torno de um espírito comum, elemento característico de comunidades.

Segundo Tatiana Verônica Galvão:

“assistimos a novas formas de identidades, hoje não mais atreladas ao espaço geográfico, mas partilhadas em comunidades de sentido, onde seus membros se reconhecem globalmente por meio do consumo dos mesmos objetos culturais que fundam esses territórios simbólicos”.¹

Argumenta a autora que graças às novas tecnologias, “são os jovens que estabelecem, com mais frequência, essas relações e se abrem para as identidades fragmentadas e contraditórias da pós-modernidade”.²

Para o desenvolvimento do tema, vamos abordar o conceito de identidade e alguns de seus desdobramentos, voltando o olhar para a identidade numa perspectiva psicoantropológica. Faremos uma breve análise da construção da identidade juvenil, a partir do questionamento de quem é o jovem no contexto das mídias sociais e tecnologias e em que medida elas contribuem para a formação da identidade. Nesta perspectiva, algumas pistas serão indicadas de percalços na construção da identidade e de possíveis superações.

Nosso tempo é agora, mas nosso inspirador é Dom Orione. Com ele aprendemos que “o jovem é o sol ou a tempestade do amanhã”. “Aproximemo-nos dos jovens com solicitude... mas lembremo-nos de que esta solicitude não deve pesar...

1 Tatiana Verônica Bezerra Galvão, O papel das transformações sociais e da identidade juvenil na construção de comunidades de sentido, 2008, Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação/UFBA, 2008

2 idem

deve ser a luz que penetra tudo... ilumina, torna claro o caminho...”³

1 - Procurando entender o significado de identidade

No início do desenvolvimento deste tema vamos procurar entender o conceito de identidade. É uma palavra que vem do latim “idem”, é a qualidade do idêntico. Nele se reconhece o indivíduo como próprio. É constituído por caracteres pessoais e particulares como nome, sexo, filiação, impressão digital, etc.

A psicologia do self, identidade, tenta explicar o que esta significa: O que penso? O que vivo? Como vivo? Quando? Por quê? Como se desenvolve o self a fim de tornar-se o que é? Segundo Hans Zollner, “mesmo para a psicologia e antropologia estas perguntas são sempre complexas, pois o interior de um homem é mais profundo do que os nossos conhecimentos, pois toca no mistério da vida”.⁴

Zollner esclarece os desdobramentos sobre o conceito de Self, identidade, que trazemos na íntegra:

“Num primeiro momento e de forma mais simples consideramos o Self como pessoa e neste caso o Self é uma determinada pessoa (“eu mesmo”), porém neste conceito não é possível entender o Self como uma instância psicológica própria, uma totalidade da personalidade, pois não abrange toda a personalidade. Os teóricos entendem que toda pessoa tem um Self, mas não é um Self.

Em outra concepção o Self é considerado como uma personalidade própria como temperamento e todas as capacidades, potencialidades, objetivos, valores, e preferências que tornam única e determinada a pessoa. É uma totalidade da personalidade, mas não a abrange toda.

Podemos concluir que o Self está dividido em duas dimensões: o eu como sujeito que experimenta e o eu como objeto, como observador ativo, ou seja, a percepção de si, a continuidade de si, a coerência de si, e a constatação de que eu estou no centro de meus pensamentos e de minhas ações. “Eu me transformo continuamente em meus conteúdos do Self, mas, apesar disso, experimento, no curso da vida, uma identidade comigo mesmo”.⁵

A partir desta conclusão, podemos constatar que é possível desenvolver um Self estável, sem ser rígido – ‘eu sou assim e pronto’ – e por outro lado flexível, sem perder a capacidade de defender-se – ‘estou aberto a tudo’. Tais processos fazem com que o indivíduo torne-se seguro daquilo que é e daquilo que realmente pode fazer e, portanto, reforça e desenvolve a imagem de si.

O conceito de identidade abrange vários aspectos, como a identidade visual, cultural, social. Ao abordar cada um destes aspectos, buscamos na internet os

3 Dom Orione a seus religiosos, SP, 1987, p.233

4 Cfr Hans Zollner, Pessoa e formação, Paulinas, SP, 1 Edição, 2011, pg. 77 - 85

5 Idem.

conceitos a seguir apresentados⁶, iniciando pela Identidade visual, que é a representação gráfica que caracteriza uma empresa ou um produto, um símbolo gráfico que leva ao mercado a divulgação de uma marca, criando uma identidade, que visualizada, remete imediatamente ao produto.

A identidade cultural é o conjunto das características de um povo, oriundas da interação dos membros da sociedade e da sua forma de interagir com o mundo. São as tradições, a cultura, a religião, a música, a culinária, o modo de vestir, de falar, entre outros.

Identidade social, um elemento que facilita o reconhecimento de uma pessoa no âmbito social, designando o seu posicionamento em uma sociedade. Pode ser construída de forma individual ou coletiva. Existem vários fatores que influenciam a identidade social, porque afetam as suas interações em um sistema social, como por exemplo: a idade, gênero, classe social, nacionalidade, etc.

É importante referir que a identidade social não está relacionada apenas com indivíduos, mas também com grupos. A identidade social tem um componente de inclusão e de exclusão, porque elementos de um mesmo grupo têm a mesma identidade social e ao mesmo tempo são diferentes socialmente de pessoas de outros grupos.

A noção de diferença é fundamental para a construção da identidade: se precisamos de nos identificar com o outro para nos sentirmos compreendidos, necessitamos também de nos afirmar como diferentes, para não cairmos no anonimato.

Por outro lado, é o olhar do outro que nos devolve a nossa identidade. Há fatores que contribuem para a confusão na identidade, tais como a perda dos laços familiares, fraca ligação ao grupo de amigos, e experiências de insucesso no processo de separação emocional entre o jovem e as figuras parentais.

“A problemática da identidade remete para um processo em construção, que implica a presença do sujeito a si mesmo – como quem se vê refletido no espelho –, a presença dele nos outros e a presença dos outros nele. Dito de outro modo, surgem as seguintes interrogações: Quem sou eu em relação aos outros e quem são os outros em relação a mim? O outro é indispensável neste processo de construção e de assunção da identidade – o outro é a alteridade. Assim sendo, a formação da identidade pessoal implica necessariamente a formação da identidade social.”⁷

Em síntese, a construção da identidade é um processo dinâmico, para o qual contribuem todas as dimensões da identidade – individual, social, cultural.

6 cfr www.significados.com.br

7 Educação, Formação & Tecnologias, 7, julho-dezembro de 2014

2 - Identidade numa abordagem psicoantropológica

Uma vez tendo abordado o que é o Self, identidade de uma pessoa e de como se forma esse Self, vamos considerar a identidade de um jovem no nosso tempo que é chamada geração Z, que são os jovens que nasceram depois dos anos 1995.

Zygmunt Bauman afirma que não podemos desconsiderar a identidade dos jovens da geração Z sem analisarmos como é a sociedade hoje: é líquida, leve, crítica, inacabada, em construção que determina o vir a ser. O advento da globalização, do desenvolvimento das tecnologias, dos meios de comunicação e das trocas de mercadorias e informações aceleraram a mudança dos valores na relação do sujeito com o seu mundo criando uma identidade bem diferente das gerações X (dos anos 60 a 80) e Y (dos anos 80 a 95) que foram os mediadores desta mudança de identidade atual:

“a situação presente emergiu do derretimento radical dos grilhões e das algemas que, certo ou errado, eram suspeitos de limitar a liberdade individual de escolher e de agir. A rigidez da ordem é o artefato e o sedimento da liberdade dos agentes humanos. Essa rigidez é o resultado de ‘soltar o freio’: da desregulamentação, da liberalização, da ‘flexibilização’, da fluidez crescente, do descontrolo dos mercados financeiros, imobiliários e do trabalho”⁸

Os jovens estão mergulhados em estruturas que estão se tornando líquidas; quanto à liberdade há um subjetivismo total. Há uma liberdade de busca de ideais, mas sem referências. Não é mais a família, escola e religião que são referências, mas sim as redes sociais sem limites de tempo e de espaços.

Tudo isso faz com que, entre tantas coisas boas como criatividade, liberdade, estar livre de tantos pseudos valores antigos, seja de convenções, de comportamentos, há também um lado perigoso, o individualismo sem precedente; a falta de uma consistência do Self, a dificuldade da relação com o outro, pois esta se dá no ambiente online, dificuldade da percepção do outro como um transcender-se de si mesmo e de uma relação com Deus, que é a essência do próprio Self.

Bernard Charlot, ao abordar esta característica antropológica, o faz do ponto de vista da relação que o homem estabelece com o saber, em que o homem se torna homem na sua relação com os outros. E é a sua incompletude, seu desejo de saber, de poder, de ser, que o induz a desejar aprender e este aprender se refere ou está ligado diretamente à construção de si mesmo, sua história, suas referências, suas expectativas e suas relações. Enfim a criança e o adolescente aprendem para tornar-se “alguém”.

Segundo o mesmo autor, “toda relação com o saber comporta, pois, uma dimensão relacional, que é parte integrante da dimensão identitária”⁹. Nascer, apren-

8 Zygmunt Bauman, *Modernidade Líquida*, Zahar, Rio de Janeiro, 2001 pg. 11 - 12

9 Charlot, Bernard: *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre, 2000, p. 68

der, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros. Esse sistema se elabora no próprio movimento através do qual eu me construo e sou construído pelos outros, esse movimento longo, complexo, nunca completamente acabado, que é chamado educação.¹⁰

3 - A construção da identidade dos jovens

Segundo pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo e Universidade de São Paulo, em estudo publicado em 2003¹¹, a construção da identidade acontece durante toda, ou grande parte, da vida dos seres humanos. O ser humano está sempre em construção. Desde o seu nascimento o indivíduo inicia uma longa interação com o meio em que está inserido, a partir do qual constituirá não só a sua identidade, como a sua inteligência, seus medos, sua personalidade, etc. Alguns traços são comuns a todas as pessoas, independente do meio e da cultura em que estão inseridas. Mas há determinadas características do desenvolvimento que diferem, de cultura para cultura.

Cada um de nós constrói o seu “eu” através das interações relacionais, reais e idealizadas e também através das experiências vividas e dos seus modelos. Se na infância os nossos modelos são os pais, na adolescência são os jovens da mesma idade e os grupos de pares, que influenciam de forma significativa a construção de identidade. Esta construção pessoal é considerada a tarefa mais importante da adolescência, pois é uma fase em que os indivíduos começam a afirmar os seus objetivos e ideias.

“O processo de identificação é um sentimento intrínseco de ser sempre o mesmo perante os outros e em todas as situações”. Somos identificados pelo que fazemos, sentimos e pensamos. A criança vai interiorizar valores e crenças presentes na sociedade. Assim a adolescência é a continuação de interiorizações de experiências às quais atribui significado e este processo de construção é o que vai constituir a identidade das pessoas.¹²

Neste processo de construção, a família e os professores assumem um papel importante, bem como, os meios de comunicação que servem de referência para os adolescentes, pois estes seguem os seus modelos.

Os jovens precisam da solidez dos valores e da experiência dos mais velhos, de uma boa estrutura familiar, mesmo que eles, com toda onipotência da juventude, achem isso tudo muito ultrapassado.

É inegável a participação neste processo de construção, da Família Carismática Orionita. As nossas casas se tornaram “escolas” do bem, da solidariedade, do serviço juvenil pelos mais necessitados. Colaborando então, para este desenvolver como adolescente e jovem em busca de um mundo melhor.

10 Cfr Ibidem, p. 53

11 Cfr. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório Teresa Helena Schoen-Ferreira; Maria Aznar-Farias; Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras, Estud. Psicologia. Vol. 8 n. 1, Natal, Jan/Abr 2003

12 Idem

Sem isso, a construção da identidade e personalidade do jovem estará irremediavelmente prejudicada. É na juventude que desbravamos o mundo, descobrimos quem somos, aprendemos com as experiências da vida e vivemos aquilo que, quando formos mais velhos, será a fonte da nossa sabedoria.

Uma série de condições como classe, lugar onde vivem, gerações a que pertencem e a própria diversidade cultural perpassam os modos de ser/estar jovem, impossibilitando falarmos de uma juventude única, mas, sim tratarmos de juventudes, no plural. Logo, há múltiplas maneiras de “ser” e “estar” jovem, considerando as diversas possibilidades que se apresentam nos planos econômicos, social, político e cultural. As múltiplas culturas juvenis – que poderíamos nomear de “juventudes plurais” vêm se constituindo na própria superfície da contemporaneidade, produzindo significativas mudanças não somente nos sujeitos, mas também nas próprias instituições responsáveis por sua formação.

Podemos fazer uma reflexão em que a identidade dos jovens no passado era fruto do meio social rural, interiorano e a cultura familiar dava o tom na construção da identidade. Os filhos quando se tornavam jovens seguiam, na maioria das vezes, as profissões dos pais, o filho de agricultor se tornava agricultor, sapateiro se tornava sapateiro, e assim por diante. Não havia preocupação de estudar para assegurar uma profissão; isso se deu aos poucos com a influência da cultura moderna, com a preparação acadêmica e técnica para exercer as profissões que cada vez se tornavam mais especializadas.

4 - Quem sou eu neste novo contexto das redes sociais?

Vivemos em um contexto em que a família, a escola e a Igreja já não são as referências essenciais para a formação da identidade, a comunicação coloca o indivíduo, onde quer que esteja, numa relação com o mundo, tendo acesso a conceitos, valores e contra valores que são propagados; a sexualidade antes definida entre masculino e feminino em crise de identidade; a pessoa não nasce X ou Y, mas o indivíduo passa ser sujeito da escolha da sua própria sexualidade. Dentro deste contexto, que a antropologia e a psicologia estão voltando o olhar para a compreensão da construção da identidade juvenil.

As perguntas que surgem, segundo Teresa Cristina de Melo são: “Quem é o jovem de hoje? Como este jovem se realiza como pessoa entre o online e o off-line? Entre o real e o virtual? Como esse jovem se comporta nestas dimensões com ele mesmo e com os outros?”¹³

Os adolescentes procuram mostrar o seu “eu” no mundo online. De fato, o mundo online e o mundo off-line não são realidades separadas para os jovens. Eles vivem nas tecnologias o seu dia-a-dia e saber gerir estes dois mundos harmoniosamente é uma nova competência da era digital.

13 Teresa Cristina de Melo Brito Carvalho, a identidade do jovem na sociedade contemporânea, in Saber Humano, ISSN 2446-6298, Edição Especial: Cadernos de Ontopsicologia, p. 146-165, fev., 2016

“O jovem da sociedade contemporânea tem contato cada vez mais precoce com a Internet e as tecnologias digitais. Isso o conduz a utilizá-la, mais e mais, como ferramenta para se relacionar, estudar, trabalhar e se divertir, acumulando experiências no mundo virtual e tendo pouca vivência no mundo real”.¹⁴

Segundo Teresa Cristina, os jovens usam a Internet para tudo, para estabelecerem um relacionamento amoroso, pedirem demissão de uma posição de trabalho, discutirem trabalhos escolares, estudarem, planejarem uma viagem e muitas outras atividades. Nem todas as atividades são negativas per si. Mas, tem se perdido o contato humano e mais e mais o senso de realidade e privacidade, à medida que, de um lado, particularidades muito pessoais são expostas e, de outro lado, se dá crédito ao que se é disseminado, sem muito senso crítico. Não se tem a noção e nem a preocupação sobre a origem e a destinação das informações e como elas podem ser manipuladas.

Se todas as respostas estão na Internet e, portanto, no externo, é inerente à juventude a falta de autoconhecimento. E mais do que isso, aprende-se diversos modelos de comportamento e estereótipos não funcionais à própria vida, imobilizando o jovem que acaba por perder o fio e a motivação para construir a sua história.

Como afirma Mellucci, “a experiência social contemporânea marca as identidades juvenis com um profundo desejo de viver em grupo, fazer-se na relação com o outro. O eu é relacional e móvel para responder a uma contemporaneidade que exige flexibilidade”¹⁵

Os adultos de hoje foram formados fora destas novas tecnologias e têm dificuldades ou lhes falta referências para entender e julgar a realidade atual. No entanto, esta é uma situação irreversível. A busca da identidade hoje se torna um desafio, pois como se identificar em uma sociedade que é dinâmica? Jovem se sente vulnerável por falta de referenciais seguros e a identificação da individualidade perde-se no coletivo.

É preciso fazer também uma diferenciação entre a identidade dos jovens, pois estes estão à mercê do lugar onde vivem, da situação econômica, política, pois existem jovens nas mais diversas classes sociais, dos interiores e das capitais. O contexto abordado aqui trata dos jovens que vivem em situação de desenvolvimento tecnológico e de cidades grandes e ambientes mais desenvolvidos. Quanto aos outros jovens, podemos considerar como tendência a este novo estilo de vida, pois esses meios e redes vão ficando cada vez mais populares. E tanto em um contexto quanto em outro, está inserido o jovem orionita.

5 - Mídias sociais e tecnologias na formação da identidade

Luis Felipe Pondé, ao tratar do tema, afirma que os jovens convivem com o real de maneira virtual, vivem um mundo virtual de maneira real.

14 Idem

15 Alberto Mellucci, A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

“Os jovens caracterizados pela geração Y já nasceram com as novas tecnologias, são por elas plasmadas, usam-nas com muita habilidade e, infelizmente, também, com grande indiferença e inconsciência dos mecanismos que as regem, atentos a um uso oportunista e/ou funcional. (...)”

O jovem se conecta de várias formas e se move através de espaços descentralizados e ambivalentes em todos os meridianos e paralelos; os ambientes que frequenta são cada vez mais espaços onde o tempo e o consumo de bens, reais e virtuais, se fundem e se confundem”.¹⁶

Já em 1927, em seu livro *Ser e Tempo*, Martin Heidegger percebia esse comportamento cotidiano dos indivíduos de tomar tudo pelo aspecto e o nomeou de “avidez de novidades”. O que interessa é sempre a próxima novidade, o próximo assunto, a próxima notícia...¹⁷

Segundo Dulce Critelli, parece que a “avidez de novidades” estrutura a participação nas redes sociais. As pessoas já estão acostumadas a comentários rápidos e superficiais sobre tudo e todos. É fácil ver nesses comentários a preocupação de cada qual em simplesmente dar sua opinião, mais do que ouvir a alheia. A opinião do outro é apenas a oportunidade para expressar a sua própria, pois é preciso estar em cena e sempre. Há nisso um evidente desenvolvimento do narcisismo e, conseqüentemente, do reforço do distanciamento entre as pessoas.¹⁸

No entanto, as mídias sociais ou as tecnologias não são as únicas responsáveis pelas mudanças na forma dos indivíduos de construir suas identidades, mas sim, dentro de um contexto da pós-modernidade, estas já são naturalmente fragmentadas e as mídias sociais vieram como uma forma de comunicação, que contempla essa necessidade pós-moderna. Na modernidade, a preocupação era com uma identidade única e na pós-modernidade, a necessidade de uma reidentificação contínua. “Uma identidade firmemente fixada e solidamente constituída seria um peso, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha”¹⁹. Assim, na pós-modernidade, a experimentação é uma característica dos indivíduos, que não assentam em uma identidade fixa porque as mudanças neste mundo globalizado são velozes, portanto seria impossível dizer que existe só um jeito, uma maneira e que as identidades são modeladas, transformadas de acordo com o lugar onde estão ou com pessoas com quem convivem.

O jovem no mundo globalizado ou pós-moderno é definido historicamente, e não mais biologicamente, porquanto o sujeito assume identidades diferentes, e em diferentes momentos são afetadas tanto pelos processos de socialização quanto de globalização dos meios de comunicação e informação. A sociedade em que vive o sujeito não é um todo unificado e monolítico, uma to-

16 Luis Felipe Pondé. Zygmunt “Bauman” e a “Pós Modernidade, in <http://www.emdialogo.uff.br>

17 Cfr <http://www.emdialogo.uff.br/content/ilusao-das-redes-sociais>, Dulce Critelli, publicado na Ed.81, 2013

18 Idem

19 BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed, 1999, p. 60

talidade, que flui e evolui a partir de si mesma, pois as forças externas provocam constantemente a descentralização e deslocação.

Por isso em vez de se falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de uma identificação, de um processo, e que essa identidade nunca é plena dentro dos indivíduos, ao contrário, ela precisa ser “preenchida” e desenvolvida.²⁰

Os jovens são marcados pelos padrões e idealizações institucionais e afirmam-se como sujeitos da informação e comunicação, ultrapassam as barreiras da tradição para inscrever sua história em um novo modelo de estar no mundo, sem fronteiras territoriais e de estrutura própria expressa no uso dos teclados, links, vídeos e mídias. Tal processo põe em cheque as formas tradicionais de construção das identidades e as formas de representação do jovem, historicamente marcadas por padrões estéticos, culturais e étnicos, pressupondo um perfil idealizado.

6 - Falta de identidade? Algumas causas e possíveis soluções

Podem-se identificar alguns fatores importantes na formação e educação do jovem na sociedade contemporânea que contribuem de modo significativo para sua falta de identidade. Estes fatores buscamos no trabalho de Rosana Guimarães Lobo Sahium e Elianda Figueiredo Arantes Tiballi:

- A falta de conhecimento filosófico humanista: É dada ênfase à formação técnica e se esquece do humano que vai gerir sua profissão e sua vida e, em muitos casos, irá gerir e liderar outros tantos homens e mulheres.

- Falta de religiosidade ou formação religiosa: a falta de religião ou de formação religiosa, no contexto da sociedade contemporânea pode levar a uma preocupação exacerbada com o ter e pouco com o ser, pois se cultiva muito o corpo e os bens materiais e esquece-se que ao final somos espíritos.

- Acesso à tecnologia em fase precoce: O mundo informático é um instrumento muito potente, porém se esse instrumento cai nas mãos da curiosidade infantil, as crianças passam a ter acesso ao submundo das curiosidades perversas, que destroem a elegância, a força, a funcionalidade das nossas capacidades criativas.

- Exposição precoce a valores não funcionais da sociedade: Como consequência das crianças terem acesso a tecnologias precocemente, muitas delas correm o risco de serem assediadas por adultos mal intencionados e, logo cedo, serem submetidas a práticas adultas não funcionais à sua formação e à sua vida.

- Facilidade de acesso aos bens de consumo: A universalização do acesso a bens de consumo duráveis tem como um dos reflexos a alta exposição de crianças, adolescentes e pessoas em geral às mídias e o estímulo ao consumismo.

20 Luis Felipe Pondé. Zygmunt “Bauman” e a “Pós Modernidade, in <http://www.emdiálogo.uff.br>

- **Comunicação Digital Excessiva:** Aumenta dia a dia o número de pessoas que possuem um dispositivo eletroeletrônico com acesso à internet e que usam a Internet para acesso às redes sociais. E-mails, vídeos, jogos, compras de bens e serviços, entre outros.

- **Incentivo ao Consumismo:** A partir da internet ou outras mídias digitais, o jovem fica cada vez mais exposto a campanhas de marketing para bens de consumo, tipicamente de curta duração.

- **Maternalismo e Paternalismo excessivo:** as crianças e os jovens contam cada vez menos com a presença dos pais nas suas atividades do dia-a-dia. Os pais muitas vezes para compensar sua ausência incorporam um maternalismo e/ou paternalismo excessivo, facilitando o acesso às mídias digitais seja por meio de celulares, tablets ou computadores, não impondo limites e regras comuns na convivência social e superprotegendo-os.

- **Ingresso tardio ao mercado de trabalho:** As atuais legislações estabelecem idade mínima de jovens ao mercado de trabalho, com objetivo de prevenir situações que uma criança ou jovem deixe de estudar para ir trabalhar e contribuir com a economia familiar. Contudo, observa-se que crianças que tem oportunidade de se engajarem em afazeres domésticos ou mesmo de auxiliar parentes em empresas familiares, acabam, quando adultos, sobressaindo-se como líderes ou empresários.

E o mundo real? Questiona-se se é possível levar essa “experiência de vida virtual” para a vida real, onde existem outras gerações não tão conectadas e outros fatores determinantes da nossa vida cotidiana, incluindo os próprios incidentes e problemas do mundo real, como doenças e acidentes, os sentimentos, as emoções, que podem conduzir o ser humano a caminhos e discussões não previstos no mundo virtual. O jovem da sociedade contemporânea está preparado para ser dono, de modo, integral de sua própria vida? Tudo indica que não. E quais seriam as portas de saída? Podemos identificar alguns pontos:

- **Educação em direção à autonomia:** Essa educação inicia-se na infância, quando a criança deve aprender a cuidar de suas coisas (suas roupas, seus brinquedos, sua cama e seu quarto). Isso deve ser uma constante busca e comprometimento com a própria vida.

- **Incentivo ao trabalho,** seja como aprendiz, estagiário ou em projetos de iniciação científica.

- **Incentivo a intercambio fora do país,** relativização de valores e tradições: pode permitir uma experiência pessoal muito valiosa, envolvendo o conhecimento e a aprendizagem de outras culturas, história e arte e o questionamento das próprias crenças e estereótipos, quando se encontra frente a tradições e crenças tão diferentes e até contraditórias com as nossas.

- **Realização de atividades de grupo e apresentações de trabalho.** O jovem deve ser instigado a participar e desenvolver trabalhos colaborativos em grupos, expondo seus pontos de vista e refletindo sobre as diversidades as quais é submetido; e deve aprender a posicionar-se e a apresentar seus trabalhos, ideias e resultados.

- Autenticação dos jovens: É importante a realização de autenticação do jovem como ferramenta de autoconhecimento e possibilidade de identificar e superar os próprios estereótipos, que muitas vezes aprisionam o jovem numa realidade limitada e sem escopo do próprio projeto de vida.

Esses são alguns dos pontos que poderiam ajudar o jovem a encontrar sua própria identidade e realizar seu projeto de vida.²¹

CONCLUSÃO

“Nosso tempo é uma sociedade planetária cheia de possibilidades e riscos, em que as ferramentas da velocidade não são mais as pernas. Diversidade, mudança e fragmentação fazem da vida uma constante reflexão. Os sinais emitidos pela tradição estão agora em branco. Fazer escolhas, assumir o risco da decisão e responsabilizar-se pelas escolhas feitas são questões fundamentais que se colocam hoje para todos nós.”²²

O homem é um ser em construção, sempre em busca de que tem vazios e que nunca estará totalmente satisfeito. O humano é simplesmente abertura total e infinita. E nesta perspectiva, o jovem mais ainda, experimenta esta condição.

O desafio é “massa”, como dizem os jovens, pois a atualidade exige que enfrentemos estas questões que nos são impostas pela pós-modernidade. O universo digital é onde a maioria da juventude está imersa. Hoje, milhões de pessoas estão mais focadas na tela dos celulares e tablets do que na tela real e gritante do mundo. As pessoas passam muito tempo criando uma imagem de felicidade e sucesso, escolhendo o melhor filtro para serem admiradas e não percebem o tempo investido na rede social e perdido na vida real. O jovem se coloca na postura de auto comparação com os outros, perdendo o referencial de si próprio e deixando de se auto reconhecer e desenvolver um senso crítico e até mesmo de seus próprios dons.

Se a incerteza caracteriza os jovens e tem um tom negativo, ela sugere, também, uma abertura ao possível. Portanto, juventude é incerteza e possibilidade. “Para os jovens o fundamental não é a construção de metas para um futuro, mas a experimentação do sentido de mudança presente. Por outro lado, os jovens correm o risco da glorificação de um presente sem limites, pobre de memória e carente de futuro”²³. Entretanto, para Melucci, a consciência do limite, o cansaço de superá-lo, a percepção da falta e da perda dão raízes à possibilidade de aceitar o presente e de projetar o futuro, assumindo a responsabilidade perante o outro e perante a si mesmo.²⁴

21 Cfr Rosana Guimarães Lobo Sahium e Elianda Figueiredo Arantes Tiballi, A formação da identidade do jovem em processo de escolarização, UCG

22 Carmem Zeli Vargas Gil Souza, Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites, https://www.researchgate.net/publication/26423281_Juventude_e_contemporaneidade_possibilidades_e_limites

23 Paulo Cesar Rodrigues Carrano, Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: faperj. 2002

24 Melucci, Alberto (2001): A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Rio de Janeiro: Vozes.

Neste contexto, em nosso pequeno universo orionita, o que podemos fazer para ajudar o jovem a ser jovem? Ajudá-lo a compreender o presente e projetar o futuro? E aos que trabalham com a juventude, a entender o jovem com suas particularidades, dentro das várias realidades onde está a Congregação? A pedagogia paterna ensinada por Dom Orione é “aproximarmo-nos dos jovens com mansidão e bondade, de tal forma que percebam que nós queremos o seu bem verdadeiro”.²⁵

25 Dom Orione a seus religiosos, p. 232

- II -
CAPÍTULO

A REALIDADE JUVENIL
UM OLHAR
SOCIOLÓGICO

INTRODUÇÃO

A complexa realidade social dos jovens

A modernidade abriu as portas do mundo para uma nova atitude da sociedade, acentuando a centralidade da razão, a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Nas últimas décadas, ao lado da cultura moderna vem-se fortalecendo a cultura pós-moderna. A pós-modernidade não é uma nova cultura que se contrapõe de modo frontal à modernidade. Constatam-se mudanças no cenário, grande velocidade e volume da informação, rapidez na mudança do cotidiano por parte da tecnologia, novos códigos e comportamentos. Devido à globalização e ao poder de comunicação dos meios eletrônicos, essas mudanças vêm penetrando fortemente no meio juvenil.

A pós-modernidade não substitui a modernidade. As duas culturas vivem juntas. Os valores da modernidade continuam sendo importantes para os jovens: a democracia, o diálogo, a busca de felicidade humana, a transparência, os direitos individuais, a liberdade, a justiça, a sexualidade, a igualdade e o respeito à diversidade.

Na modernidade, a noção de indivíduo se tornou mais complexa em razão das diversas transformações ocorridas na esfera das relações sociais marcadas por novos códigos culturais, concepções de individualidade e formas de organização política no mundo ocidental.

Os jovens de hoje são influenciados pelos impactos da modernidade e da pós-modernidade. Alguns elementos deste momento histórico exercem grande influência na mentalidade, nos valores e no comportamento de todas as pessoas.

1 - O jovem e o mundo urbano

No ambiente urbano, a cidade é vendida aos pedaços porque nela há caos, desordem: padrões de diferentes graus de complexidade, como o efêmero, o fragmentário, o descontínuo, o caótico predomina. Mudam-se valores: é o novo, o fugidio, o efêmero, o fugaz, o individualismo, que valem. A aceleração transforma o consumo numa rapidez nunca vivenciada: tudo é descartável - desde copos a maridos ou esposas.²⁶

A publicidade manipula desejos, promove a sedução, cria novas imagens e signos, eventos como espetáculos, valorizando o que a mídia dá ao transitório da vida. As telecomunicações possibilitam imagens vistas em todas as partes do

planeta, facilitando a mercadificação de coisas e gostos.²⁷

Diversos estudos do mundo urbano globalizado coincidem ao indicar traços comuns da cultura contemporânea que exercem forte influência sobre a juventude. Alguns destes traços estavam presentes em outras épocas, e alguns estão presentes, também, no meio dos adultos. Falamos de tendências. Eis algumas delas:

- **Centralidade das emoções e relativização dos valores e das tradições.** Escolhas de experiências sem critérios absolutos. Valoriza-se mais o flexível, o momentâneo, e anseia-se gozar o momento presente, com poucas perspectivas para o futuro. Têm-se dificuldades com o silêncio interior.

- **Geração de pouca leitura e da imagem,** acostumada a estímulos constantes para manter sua atenção. Ao mesmo tempo, há necessidade de levar em conta que talvez esteja havendo mudança nos modos de ler, por exemplo, através da internet.

- **Descrédito.** Não acredita em compromisso definitivo, no mundo do trabalho, nem na vida consagrada, nem na vida conjugal. Tudo isso afasta e amedronta. Muda-se o modo de enfrentar os compromissos. Há grande dificuldade e medo em se escolher uma faculdade, uma profissão e em definir um projeto de vida.

- **Fragmentação da identidade.** Há grande confusão quanto à imagem de si mesmo e fuga de relações estáveis.

- **Crescente igualdade de condições entre homem e mulher.** Sensível diminuição do machismo; presença maior de mulheres no mercado de trabalho, no mundo da política, cultura e educação.

- **Enfoque da subjetividade.** A pessoa está centrada quase unicamente nos seus problemas e necessidades pessoais.

- **Maior liberdade de expressão** e dificuldades em viver vinculado a valores institucionais, a uma estrutura de paróquia e à figura da autoridade.

- **Tendência ao hedonismo e à vulnerabilidade psicológica.** Dificuldade de elaboração de momentos de frustração, do tempo de espera, das angústias, e opção preferencial pelo prazer e pela felicidade, entretenimento e consumo imediato. Não questiona a sociedade de consumo. Face aos desafios e obstáculos que a vida, às vezes, apresenta, o jovem se sente tentado a desistir. Busca imperativamente a felicidade. Ao mesmo tempo, face à ameaça da fragmentação, há um segmento da juventude que revela tendência de refugiar-se no conservadorismo ou até num certo fundamentalismo.

- **Fragilidade dos laços familiares.** A ausência de um contexto familiar educativo deixa cicatrizes emocionais e afetivas na vida dos jovens, dificultando o processo de amadurecimento.

27 Mariano Neto, Belarmino. Geografia: textos, contextos e pretextos para o planejamento ambiental. 1ª ed. Guarabira: Gráfica São Paulo, 2003.

Este perfil da juventude contemporânea pode parecer muito negativo. Porém, não estamos falando de toda a juventude. Há jovens que são diferentes do retrato descrito. Estamos falando das grandes tendências. Tampouco, não podemos cair na tentação de nostalgia, considerando que as gerações anteriores eram melhores. Cada geração tem suas luzes e sombras. Esta geração não é pior ou melhor que as outras gerações.

Devemos evitar uma supervalorização da juventude de outras épocas. O processo de evangelização, a metodologia, os enfoques, o ponto de partida e o sistema de acompanhamento têm que levar isso em conta para não ficar atolado na estrada de uma história que não espera. A juventude de hoje é tão idealista e generosa quanto a anterior. Basta saber trabalhar com ela. A questão é a metodologia de trabalho e a paciência para acompanhar os processos de educação na fé. O processo, hoje, leva mais tempo e exige um investimento maior para penetrar as barreiras do individualismo e da indiferença.

A subjetividade, no contexto pós-moderno, particularmente em referência à juventude, merece estudos e conhecimentos aprofundados para que o diálogo e a linguagem estabelecidos com os jovens tenham impacto e força de convocação para o seguimento de Jesus. A evangelização da juventude exige atualização permanente do conhecimento da dinâmica de sua subjetividade. Há de se levar em conta a sua complexidade. Este conhecimento possibilitará um adequado tratamento do fenômeno do subjetivismo que gera, facilmente, a permissividade, o egoísmo, a identificação simples da felicidade com o prazer, a incompetência para lidar com a pluralidade de solicitações e ofertas, entre outras. Estas questões afetam a subjetividade humana, particularmente a juvenil.

O ideal coletivo dos anos 1970-1980 de construir um mundo melhor foi sendo substituído por uma maior preocupação com as necessidades pessoais, com os sentimentos, com o próprio corpo, com a melhora da autoestima, com a confiança, com a libertação dos traumas etc. O ambiente de descrédito dos grandes ideais coletivos em que vivem faz com que segmentos da juventude tenham forte tendência de viver somente no presente, na cultura do descartável.

Este fenômeno tem o efeito de se concentrar, no momento atual, na busca de sensações e emoções passageiras. Ao mesmo tempo, há outros segmentos que manifestam preocupação com um futuro mais próximo. Nesse contexto faz-se necessário buscar um equilíbrio entre o projeto individual e o projeto coletivo. Os dois grandes movimentos de nosso tempo, o movimento pela justiça social e o movimento pela auto realização, são metades de um todo esperando para se unirem numa grande força de renovação.²⁸

2 - O jovem e o ambiente do trabalho

A categoria trabalho, por sua vez, comporta diferentes dimensões – filosófica, econômica, sociológica ou histórica: como virtude; como forma de produzir riqueza, de dominar e de transformar a natureza; como mercadoria; ou como forma de alienação. Ainda é possível falar de trabalho como categoria pensada por diferentes autores: trabalho como valor (Karl Marx); como racio-

nalidade capitalista (Max Weber); ou como elemento de interação do indivíduo na sociedade em suas dimensões tanto corporativa como de integração social (Émile Durkheim).

Atualmente as transformações na sociedade são grandes, especialmente em razão das novas tecnologias. Hoje se fala muito mais em trabalho do que emprego, ou seja, nos grandes centros, você tendo um carro, no outro dia pode trabalhar utilizando diversos aplicativos (UBER, 99, etc.). Enfim, falta emprego, mas não falta trabalho. Um problema sério são as garantias praticamente inexistentes neste “novo” mundo do trabalho.

A inserção produtiva dos jovens consolida-se como um grande desafio. Trata-se de um público mais vulnerável, que enfrenta maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho e tende a encontrar ocupações mais precárias, situação agravada, em muitos países, pela baixa escolaridade e pela fragilidade da formação educacional de grande parte da população. Como consequência, é um público mais propenso à situação de desemprego e de desemprego em longo prazo, sendo objeto de políticas específicas em muitos países.

Em face dessa situação, a política de emprego para os jovens assume grande importância, pois além de democratizar as chances de ascensão social e reduzir as desigualdades, trabalha com um público que será, por muitas décadas, parte da força de trabalho do país, impactando o potencial produtivo e competitivo.

É importante ressaltar a relação entre a inserção do jovem no mercado de trabalho e a educação. Segundo dados da União Europeia²⁹, quase 100% da população com 15 anos de idade ainda está na escola. A transição entre a escola e o mercado de trabalho não ocorre na mesma idade para todas as pessoas, ou seja, a entrada no mercado de trabalho é gradual. Na média, a participação de jovens no mercado de trabalho passa de 5% aos 15 anos para cerca de 80% aos 24.³⁰

Segundo os dados da União Europeia, muitos jovens ingressam no mercado de trabalho antes de terminarem os estudos, o que implica que podem estar simultaneamente na educação e no mercado de trabalho. Resultados de diversas pesquisas indicam que a chance de conseguir um emprego, e mesmo de conseguir um emprego melhor, cresce com o tempo de permanência no mercado de trabalho, o que vale para todos os níveis de formação. Em face dessa constatação, é importante entender os fatores que aumentam as chances de ingresso e de sucesso dos jovens no mercado de trabalho. Inicialmente, destaca-se o grau de regulação do mercado de trabalho e os custos de contratar e demitir.

Na mesma linha, os jovens tendem a sofrer mais com crises econômicas e com outras dificuldades, dado que sofrem competição de indivíduos com

29 European Union. Youth unemployment policies: Review of the Danish Youth Unemployment Programme and the British New Deal for Young People. 1999. Disponível em: Acesso em: 14 mar. 2014.

30 EUROSTAT. Employment and Social Policy Indicators. Disponível em: Acesso em: 1 set. 2013.

maior experiência. Em uma análise comparando países da Europa, Muller³¹ investiga como o tipo de formação tende a influenciar o ingresso do jovem no mercado de trabalho. Uma conclusão não surpreendente, encontrada em todos os países analisados, é que o grau de escolaridade é a variável mais importante para explicar tanto as chances de inserção como as possibilidades de ascensão. A formação universitária é aquela que mais contribui para as chances de ascensão profissional em todos os países. No outro extremo, pessoas sem qualificação sofrem maiores dificuldades, tendência não eliminada com a maior permanência no mercado de trabalho.

3 - O jovem e a desigualdade social

Para caracterizar a juventude, as estatísticas geralmente seguem os parâmetros de organismos internacionais, considerando o grupo etário de 15 a 24 anos.³² Em 2000, no último recenseamento geral da população, estava nessa faixa etária cerca de 34 milhões de pessoas, o que representa 20% da população brasileira.³³ Se acrescentarmos a esse contingente os indivíduos de 25 a 29 anos, em geral designados pelos demógrafos de “jovens adultos”, teríamos um total de 47 milhões.

A juventude é marcada por uma extrema diversidade e manifesta as diferenças e as desigualdades sociais que caracterizam nossa sociedade. Trata-se de um contingente populacional bastante significativo, em idade produtiva, que se constitui em uma importante força a ser mobilizada no processo de desenvolvimento.

Dentre as várias diferenciações que recortam a juventude, estão as de classe social, cor e etnia, sexo, local de moradia, as diferentes situações de responsabilidade face à família, além das várias ações relativas ao gosto musical ou estilo cultural e as pertencas associativas, religiosas e políticas.

Há jovens que têm um padrão de vida elevado, mas são uma minoria. A maioria dos 34 milhões de jovens brasileiros representa um dos segmentos populacionais mais fortemente atingidos pelos mecanismos de exclusão social. As estatísticas demonstram que a juventude é um dos grupos mais vulneráveis da sociedade brasileira. Ela é especialmente atingida pelas fragilidades do sistema educacional, pelas mudanças no mundo do trabalho e, ainda, é o segmento etário mais destituído de apoio de redes de proteção social.

Eis alguns dos principais problemas com os quais se deparam, hoje, os jovens³⁴: a disparidade de renda; o acesso restrito à educação de qualidade e frágeis condições para a permanência nos sistemas escolares; o desemprego e a inserção no mercado de trabalho; a falta de qualificação para o mundo do tra-

31 Muller, W. Education and Youth Integration into European Labour Markets. *International Journal of Comparative Sociology*, Toronto, v.46, n.5/6, p.461-485, 2005. Disponível em: . Acesso em: 13 mar. 2014.

32 Em países da Europa, para efeito de execução de políticas públicas, há uma tendência de considerar como jovens os indivíduos com até 30 anos de idade.

33 Cf. IBGE. Censo Demográfico de 2000.

34 Secretaria Geral da Presidência da República, Coordenação Nacional do PROJOVEM, março 2005, Regina Novaes.

balho; o envolvimento com drogas; a banalização da sexualidade; a gravidez na adolescência; a AIDS; a violência no campo e na cidade; a intensa migração; as mortes por causas externas (homicídio, acidentes de trânsito e suicídio); o limitado acesso às atividades esportivas, lúdicas, culturais e a exclusão digital.

O impacto da pobreza, em uma sociedade que sacraliza o consumo, relativiza os valores, atinge a família, o primeiro lugar de socialização do jovem. Cresce o número de homens e mulheres que não fundam lares estáveis, levando o núcleo familiar a se desintegrar. Essa situação deixa fortes cicatrizes emocionais na personalidade de muitos jovens em um momento crítico de suas vidas. Impressiona o número de jovens nas comunidades juvenis que enfrentam problemas emocionais sérios.

Destacam-se três marcas da juventude na atualidade: o “medo de sobrar, por causa do desemprego, o medo de morrer precocemente, por causa da violência, e a vida em um mundo conectado, por causa da internet”³⁵. O sentido e a dureza dessas marcas anseiam por uma Boa Notícia que, a partir de um olhar de fé, pode ser encontrada no interior da própria juventude.

Esse quadro aponta a necessidade de promover mudanças mais profundas e estruturais no modelo de desenvolvimento econômico-social adotado no país, com reorientação de investimentos que garantam os direitos básicos da população — aos jovens em particular — nas áreas de educação, criação de empregos, infraestrutura urbana, saúde, acesso à cultura e ao lazer, que têm repercussões na situação de segurança pública.

Para efeitos de políticas públicas, a idade adotada vai dos 15 aos 29 anos, com divisão em subgrupos por agrupamento de interesses e afinidades, caminhando na linha da definição pela necessidade de afirmação dos direitos juvenis. “Trata-se de uma fase marcada por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades, o que exige experimentação intensa em diversas esferas da vida”³⁶.

Já não podemos mais olhar para a juventude como ciclo de breve passagem para a vida adulta. O período da juventude se alongou e se transformou, “ganhando maior complexidade e significação social, trazendo novas questões para as quais a sociedade ainda não tem respostas integralmente formuladas”³⁷. A juventude requer estrutura adequada para seu desenvolvimento integral, para suas buscas, para a construção de seu projeto de vida e sua inserção na vida profissional, social e religiosa. Tão importante, também, é olhar para a juventude conforme sua diversidade:

Segundo as desigualdades de classe, renda familiar, região do país, condição de moradia rural ou urbana, no centro ou na periferia, de etnia e de gênero; em função destas diferenças, os re-

35 Novaes, Regina & Vital, Christina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In: Thompson, Andrés (org.). Associando-se à juventude para construir o futuro. São Paulo, Peirano, 2006. pp. 112-113.

36 Cf. Freitas, Maria Virgínia de. Juventude e adolescência no Brasil; referências conceituais. São Paulo, Ação Educativa, 2005. p. 31.

37 Ibid., pp. 31-32.

cursos disponíveis resultam em chances muito distintas de desenvolvimento e inserção³⁸.

Percebemos, então, que na diversidade juvenil encontraremos uma diversidade maioritariamente dolorosa porém esperançosa nos passos de Orione que foi o apaixonado pela juventude e pelos abandonados e em direção ao Cristo que acolhe na misericórdia e com aquele olhar de que conhece e entende a cada um que se apresenta com suas bagagens de lutas e conquistas por um mundo melhor em busca de uma unidade social para o melhor aproveitamento desta fase juvenil.

38 Ibid., pp. 31-32.

**- III -
CAPÍTULO**

**A COMUNICAÇÃO DOS JOVENS:
INTERNET COMO AMBIENTE,
CULTURA E ANTROPOLOGIA
JUVENIL.**

INTRODUÇÃO

Para entender o mundo juvenil: O logos se fez site

Somos orionitas, buscando envolver sempre mais os jovens na família orionita, entre os vocacionados à vida religiosa e também nos movimentos laicais de nossa família. Para tanto, como disse João XXIII, o Papa primeiro do Vaticano II, precisamos reconhecer os “sinais dos tempos”, que vão além de pronunciamentos e premissas sem conclusões concretas. Um dos temas que incide na realidade juvenil é o universo dos novos instrumentos de comunicação social, onde os mais velhos entram com dificuldade enquanto os mais jovens o vivem como seu habitat natural.

A mídia é adaptada ao universo moderno como “comunicação de massa”. A técnica serve com sedução e envolvimento à imprensa, rádio, cinema, televisão e mais que tudo, as mídias virtuais que se renovam e se multiplicam. São os maiores conglomerados econômicos, sociais e políticos de nossos tempos. Geramos uma massa consumidora, particularmente os jovens, que se nutrem destes conteúdos, numa “gostosa e preguiçosa passividade”. Não tem como escapar desta realidade, pois nossos jovens – desde aspirantes, seminaristas a leigos – vivem neste universo.

E viver neste universo seria simples, se fosse uma rede de ideais e ideias humanas e cristãs. Com tristeza, vemos que na realidade, tal rede serve a ambições dominadoras e excludentes, alimentando uma colcha de mesquinhos interesses e de banalidades sensacionais. Nossos jovens, sol ou tempestade do futuro, fazem parte desta juventude sedenta de curiosidades e empolgada para comunicar, numa tendência mórbida para curtir misérias e violências. Neste universo virtual, os jovens são convocados para optar radical e dicotomicamente nesta dupla referência. Primeira tendência: apelo à transcendência, a um crescer qualitativo, com práticas radicais gnósticas e espiritualistas, e, segunda tendência: referência à imanência, na rejeição às instituições e apego aos valores antirreligiosos.

Não podemos negar que a natureza humana busca a técnica. Não é assessorial ou acidental, antes, pertence ao ser humano e promove seu crescimento, sua autorrealização existencial.

A Igreja busca este paradigma perdido e, ainda que fragilmente, buscou o encontro com o universo midiático contemporâneo. Recordemos que a irrupção e o progresso dos instrumentos ou meios de comunicação social foram ressaltados no Decreto “sobre os meios de comunicação social” (Inter Mirifica – Concílio Vaticano II). Depois, foram dados muitos passos e entramos na era da revolução ardente da vida pastoral. Com a juventude, devemos buscar uma pastoral mais crítica e criativa, este novo pentecostes, a nova era e a “cibersociedade”, que vamos descobrindo e habitando.

Sob o ângulo negativo, o que havemos de temer, de denunciar e de combater é a exclusão virtual ou digital, a velha desigualdade que marca esse novo universo da comunicação, como perverte todo o mundo econômico e tecnológico, porcaamente mal globalizado.

1 - Juventude mergulhada na cultura virtual

O jovem bebe nas fontes da modernidade. Temos que formar sua consciência para que seja capaz de discernimento. O jovem orionita se nutre das fontes da Bíblia, da tradição, do magistério e, muito fortemente, dos escritos orionitas. Somos responsáveis para alimentar nos escritos e nos testemunhos estas fontes, bem como, esta fome dos jovens, com os quais nos encontramos sempre solícitos e algumas vezes vulneráveis, servindo-se dos instrumentais da modernidade e das formas cognitivas contemporâneas, sem deixar de inculcar os valores e os bens perenes da nossa fé.

São dois os perigos que se extremizam: primeiro: não esposar cegamente o “consumerismo” ou o apelo esnobe do *high tech*, e, segundo: não cair nos lamentos nostálgicos, chorando a perda do paraíso. Afinal, o lamento não traz nenhuma consequência, pois soa histérico, especialmente neste momento em que as novas relações entre a tecnologia e os humanos se tornaram sumamente complexas. A cultura virtual é um ingrediente sem o qual a cultura contemporânea – trabalho, arte, ciência e educação – não se desenvolvem. Tal ausência desencadeia desastrosas consequências nas atividades contemporâneas do conhecido “mundo globalizado”.

Vamos racionalizar o discurso, para não ficarmos em estado de êxtase. Todo tipo de cultura em todos os tempos é uma produção, quer dizer, uma criatura humana. Assim também a cibercultura. Somos gerados dessas culturas. Depois, nos interpelam e nos conduzem a existência. As máquinas vão se parecer com o ser humano e não vice-versa. As máquinas farão mais rapidamente e mais detalhadamente o que fazemos e o que nossos corpos fazem. Essas culturas se tornam nossa identidade existencial e não essencial. Os itens da realidade cibercultural – mídias em geral – moldam nossas mentes, nossa sensibilidade, mas não devem tocar nossos valores. Não existe o pós-humano; existe o humano enaltecido e as transformações que essas novas tecnologias nos impelem e revolucionam nossas relações psicológicas, sociais e antropológicas.

Cabe a nós, formadores e adultos, antes de tudo sermos destacados destes instrumentos e depois de tudo, sermos presença junto aos jovens para que se sirvam destas mídias e não sejam seus escravos.

2 - Acampamento juvenil no campus internet

Façamos os jovens assimilarem que a internet é sempre um meio, jamais um fim. Trata-se de uma revolução tecnológica e é preciso estar próximo da juventude, para que não seja confundida e identificada com a revolução de valores. Servindo-se dos meios contemporâneos da mídia, podem estar jovens desvairados, tanto quanto jovens cristianizados e, para sermos família, orionizados. Depende

da formação espiritual e interior desses jovens.

Este acampamento juvenil tem três tendas:

1 – novas formas econômicas e sociais, pois geram grandes negócios, bem como grandes tribos invisíveis, porém reais;

2 – geração de novas relações e novos meios de vencer a solidão física, num mundo urbano de paredes e grades, antídotos ao perigo e ao anonimato;

3 – o mimetismo cultural promove o paroxismo, gerando a ilusão ou a miragem que tocamos o infinito; pensamos nos deuses, metaforicamente feito os tentadores de Eva e de Babel.

Santo Agostinho termina sua obra com esta prece:

“Livra-me, Deus meu, da multidão das palavras que padeço no meu coração, nesta minha alma mísera em Tua presença, mas sempre abrigada na Tua misericórdia. Quando calam os meus lábios, não guardam silêncio os meus pensamentos e, se somente pensasse nas coisas que são do Teu agrado, oh meu Deus, não rogaria que me livrasse da abundância de minhas palavras, mas muitos são os meus pensamentos, pensamentos humanos e Tu sabes que são vãos. Dá-me que não consinta neles, mas faze-me rechaçá-los quando sentir suas carícias. Não permitas que me detenha adormecido em seus afagos, jamais exerçam sobre mim o seu poder, nem pesam em minhas ações. Com tua proteção, oh meu Deus, esteja ao abrigo do Teu influxo, o meu juízo e a minha consciência”.

A internet e os demais meios desta cibercultura devem ser caminhos, como foram os telescópios, para descobrir a grandeza de Deus, revelada no cotidiano, oferecendo aos nossos jovens a percepção de que os valores mais simples e santos os unem ao cosmos deslumbrados nas mídias e não os afastam deles.

O desafio para o JOVEM ORIONITA, mais que ser cantores de louvores, é apresentar a transparência de Deus agindo no mundo; é poder estar no meio dos pobres e ser uma palavra viva e reveladora do carinho de Deus. É ser pai e mãe, junto daquelas pessoas que são desprezadas e pisoteadas nas cidades e nos campos. O povo abandonado precisa da nossa presença como irmãos da fé, para lhes dizer com confiança: “Vocês não estão sozinhos, vocês não são ovelhas sem pastor”. Nós podemos chorar, como Jesus, ao lado deles. Esta é uma responsabilidade da comunicação, seja no rádio, no jornal, na televisão e nos meios modernos de comunicação virtual. As comunidades estão sedentas de ouvir uma palavra de esperança nos meios de comunicação tradicional, na comunicação virtual, nas liturgias e em todos os cultos comunitários.

Os jovens de nosso tempo não estão mais marcados pelo vocabulário rural. Precisamos novamente fazer teologia paulina, pois Jesus foi um homem rural e falou a linguagem rural. Jesus morreu na cidade sem compreender a cidade. Foi preciso que Paulo fizesse a revolução política sobre o Evangelho de Cristo, para que a mensagem pudesse ganhar cidadania no mundo grego. E assim como nosso apóstolo Paulo de Tarso, nós também precisamos adaptar a linguagem

do Evangelho à cultura urbana e ao universo virtual. Precisamos falar palavras que mexam na alma e no cotidiano das pessoas. Precisamos buscar aprender essa técnica de comunicação virtual junto aos comunicadores e aos jovens bem focados.

A partir destas várias óticas apresentadas pelas ciências da genética, da economia ou da comunicação, somos convocados a responder aos novos desafios do mundo virtual na teologia. Novos métodos, novas formas de comunicação, instrumentais inovadores, todos são meios de comunicar aos pobres e a toda humanidade a eterna mensagem de justiça e de amor de Jesus Cristo.

Num primeiro momento, ficamos perplexos diante da grandeza do mundo virtual e quase sem querer, nos conectamos em uma rede de comunicação global, deslumbrados com as belezas da natureza, da cultura e das relações. Ao mergulharmos neste emaranhado virtual, também nos deparamos com o excesso de informações que pode gerar dúvidas, angústias, ansiosos, questionamentos e desafios na busca do conhecimento da verdade e da prática evangélica. Mas, sempre é possível sonhar, que todo este novo universo é mais uma manifestação da grandeza de Deus, que recia o universo a cada instante, revelando a grandeza de sua confiança na humanidade, como edificadora das maravilhas históricas de Deus.

3 - Jovens em diálogos cibernéticos

Nas relações juvenis, que revelam a busca incansável de portos seguros, uma vez que vivem nesta correnteza ininterrupta de ansiedades e medos, concretos, líquidos e gasosos, a internet é ferramenta de comunicação. Para o jovem, é um caminho possível para existir, fazer-se sentir, realizar-se. Somos nós, sociedade concreta e adulta, que devemos criar espaços de fé, de humanidade e de solidariedade nestes campos. O problema não está nos instrumentos, mas no espírito perverso dos adultos que manipulam estes espaços para lucrar, dominar e alienar. Sempre houve uma tentativa mórbida de servir-se dos meios de produção para tratar os jovens como consumidores e mercadorias, mais que parceiros e participantes da produção destes bens. É uma luta entre a ganância e a moral. Nesse sentido, enquanto a primeira ganha as batalhas, a segunda busca meios de se manter viva para continuar nessa luta sem fim.

A vida religiosa é um bem sagrado, como a nossa vida carismática é uma graça para a Igreja e o mundo. Estes bens são matérias de santificação que devem navegar nas embarcações da comunicação moderna. São os novos púlpitos e os novos aerópagos. Neste mundo virtual, o humano se comunica com o divino e o divino se comunica com os seres humanos. Falamos de um espaço de diálogo, onde as verdadeiras religiões comunicam suas experiências de fé, assim como as maléficas religiões (grupos perversos, charlatanismos religiosos, *fakenews*, etc) comunicam seus vírus destrutivos. O anonimato, com certo perigo, motiva e protege estes mantenedores que emporcam a internet.

Os jovens nos questionam sobre nosso “como comunicar”. Sempre nos preocupamos com “o quê comunicar” aos jovens de nossas paróquias, aos nossos atendidos e aos nossos aspirantes ao sacerdócio. Sempre nos preocupamos em renovar e realizar constantes releituras e atualizações das doutrinas religiosas.

Nem sempre nos deparamos com a percepção da velocidade e a dinâmica que a tecnologia da informação nos apresenta. Importa, por certo renovarmos o conteúdo de nossa formação; mas, exige reações de igual magnitude, a dinâmica da comunicação, sobretudo porque são referenciais das comunicações futuras.

Os jovens precisam entender a partir também de nossa compreensão, porém, fica a necessidade da comunicação de hoje, do momento, do instante, que não espera a resposta da reflexão. Temos então um desafio para as religiões: como ser eficiente ao comunicar respostas aos questionamentos humanos, com a agilidade que o mundo atual exige, sem perder sua identidade doutrinal?

Os jovens precisam saber, tendo como testemunho dos mais velhos, que o mundo virtual não é um conteúdo em si mesmo, antes, é um servo da comunicação. Nesse sentido, os jovens esperam conteúdos sólidos, seguros e atualizados, nas palavras e nas vivências. O nosso jovem orionita deve saber que o mundo virtual – como se comunicar – não deve influenciar os valores cristãos e orionitas. Vivemos os mesmos valores dos tempos em que Dom Orione falava com os jovens no seminário do Paterno. Mudaram o *modus culturalis* e os inserts linguísticos, mas a essência, os valores – justiça, caridade, respeito, bondade, entre tantos – seguem os mesmos, ainda que em meios de transportes diferentes. Podemos imaginar a carroceria de cartas de Dom Orione invadindo os sites orionitas sem precisarmos esperar o navio no porto. Mensagens e conselhos contemporâneos chegando *on-line* até nós. Certamente, seriam as mesmas mensagens que se encaixariam na nossa realidade atual.

Para os jovens, particularmente os orionitas, dedicamos a mensagem da Igreja que ensina que

“é importante também que as pessoas, em todos os âmbitos da Igreja, lancem mão da Internet de maneira criativa, para assumirem as responsabilidades que lhes cabem e para ajudarem a Igreja a cumprir a sua missão. Na perspectiva das inúmeras possibilidades positivas apresentadas pela Internet, não é aceitável hesitar timidamente, por medo da tecnologia ou por algum outro motivo”.³⁹

Seria pouco inteligente não se servir destes meios de comunicação para evangelizar, mas antecede a esta ação, a releitura da antropologia juvenil.

Observemos estes dados, propícios para iluminar a inserção dos jovens no universo virtual e sua possibilidade de evangelização. Veja curiosamente estas informações (válidas para o Brasil, podendo ser semelhante em outras nações):

Primeiro: a palavra Deus aparece mais do que palavras como remédio, pessoa, alimentação, futebol, político, médico/a, advogado/a, deputado/a, vereador/a, pai e mãe.

Segundo: as palavras Deus, Igreja, Cristo, religião e fé somadas possuem uma ocorrência maior do que palavras como saúde, trabalho e política.

Terceiro: os títulos religiosos (padre, bispo/a, pastor, rabino/a, etc.) são mais recorrentes que os títulos civis (advogado, engenheiro, deputado, vereador, se-

nador e mesmo pai e mãe).

Entendemos que o espaço está conquistado e pode ser útil para a evangelização dos jovens. Eles habitam a internet e todas as demais mídias que pululam conforme a necessidade mercadológica, ainda que sejam renovações de contratos cibernéticos. Se a internet empodera a capacidade de comunicação, transpassando fronteiras, cabe a nós, formadores de jovens e responsáveis pelo bem estar desta juventude, oferecer uma comunicação atrativa, porém sadia, que busque revelar o Evangelho de Jesus Cristo.

É preciso formar os jovens para interagir com os visitantes das mídias e servir-se delas para serem profetas no mundo virtual. Se o mundo virtual é mais que opcional, pois pertence à realidade e é complementar ao mundo físico e o enriquece, busquemos ser criativos nessa nova forma de evangelizar. Consideremos que essa revolução virtual é graça e dom divino. São novas formas de linguagem, como foi a escrita, a imprensa e as artes.

4 - Jovem comunicador da fé e do carisma

As religiões que não souberem usar a mídia como parte de sua prática enfrentarão sérios problemas nos próximos anos. A dinâmica atual do campo religioso obedece a uma lógica particular de inserção no meio social que passa seguramente pela integração da mídia como parte integrante de suas atividades, sob o risco de seus procedimentos se tornarem eventualmente arcaicos e, por conta disso, menos valorizados diante de seus pares.

Há uma necessidade constante de legitimar os procedimentos institucionais de acordo com a maior ou menor aceitação do público, e, para tanto, estratégias de comunicação bem definidas são essenciais.

Não é coincidência que o grupo que mais ostensivamente utiliza a mídia, os evangélicos pentecostais / neopentecostais, tenham apresentado um dos maiores índices de crescimento. É evidente que existem inúmeros outros fatores, que não cabem ao escopo deste texto, mas não deixa de ser relevante que uma das características mais marcantes do chamado “neopentecostalismo” seja o uso ostensivo da mídia.

O conhecimento da sociedade passa por uma série de mediações, dentre as quais a religiosa. Dentro da totalidade social, as religiões esforçam-se para reiterar a prerrogativa de definir as possibilidades de conhecimento do mundo, refratando os signos e mensagens para remontá-los em uma perspectiva lógica. Diante de todas as mensagens da televisão, a mensagem religiosa clássica está sempre em desvantagem. Sem nenhuma hipocrisia, um programa de variedades apresentado por uma modelo/atriz costuma apresentar mais atrativos do que a transmissão de uma oração ou de alguns programas ingênuos que, por vezes, aparecem nas emissoras religiosas. Há, portanto, uma concorrência que não pode ser desprezada. Por outro lado, a mensagem religiosa, quando adaptada para os meios de comunicação, corre o sério risco de ter sua mensagem distorcida. Afinal, as exigências de trabalho de uma rede de televisão são diferentes, por vezes irreconciliáveis, com as possibilidades de transmissão de uma mensagem religiosa. O paradoxo entre uma maior divulgação da mensagem à custa de um eventual empobreci-

mento do conteúdo é talvez o maior desafio de toda a mídia religiosa. Já não cabe discutir se a mídia pode ou deve ser usada pelas religiões como uma estratégia de ação. O desafio principal, agora, é estabelecer as condições de uso.

As dinâmicas governantes do campo religioso apontam para uma interdependência cada vez maior entre mídia e religião para a divulgação de uma visão específica do mundo, para a definição dos conhecimentos legítimos e para a constituição de uma hegemonia possível, mas cada vez mais distante.

5 - Reestruturação da antropologia juvenil

Os jovens nos fazem perceber que o computador e suas adjacências aportaram maravilhas para o mundo moderno. Muitas vezes, assustados e sem saber como lidar com eles, os evitamos. Em alguns casos, os formadores, escondendo no seu conservadorismo o medo de lidar com o “novo”, chegam ao ponto de proibirem o uso, despertando um sentimento que ojeriza os jovens: a censura inexplicada, justificada por esse medo.

Somos novamente analfabetos se não integrarmos em nossa vida cotidiana novos termos e nova linguagem, como banco de dados, salvar, arquivos, deletar, *scanear*; “*chat*”, *instagram*, curtir, *web*, *site*, *e-mail*, *download*, etc. Temos até dificuldade em traduzi-las. Mas não são palavras, são ações que devem incorporar para viver. O mundo ainda tem grandes bolsões de analfabetos do abecedário básico e é obrigado a integrar novas formas linguísticas. Coisas antes fundamentais hoje são relativizadas e não sabemos se são necessárias, como decorar a tabuada, reconhecer o uso das vogais, das *doppias*, escrever textos e fazer riscos. Podemos até arriscar a pensar que num futuro não muito distante, a letra cursiva poderá ser abolida. Talvez, nem mais será necessária uma criança aprender a escrever, pois hoje, tudo pode ser colado e inovado como se fosse próprio. Sobrevivem os bens da criatividade, da lucidez, do bom senso e da subjetividade. Estes valores devem ser implementados no coração de nossos jovens, juntamente com o amor aos pobres, a devoção eclesial e a capacidade de autodoação.

As máquinas estão invadindo o espaço humano juvenil, com peças de reposição, aparelhos para aperfeiçoar a audição, a visão, a locomoção das pessoas, sem contar aqueles que substituem os membros que consideramos vitais. São sete realidades do mundo juvenil, a partir dos especialistas no universo virtual da juventude:

1- O jovem remodelado: manipulação estética da superfície do corpo, constituído com técnicas de aprimoramento físico, ginástica, musculação, implantes, enxertos, cirurgias plásticas, etc.

2- O jovem protético: tem-se aqui o jovem *ciborg*, híbrido, corrigido e expandido através de próteses, construções artificiais como substrato ou amplificação de funções orgânicas.

3- O jovem esquadrihado: sob a vigilância das máquinas para diagnóstico médico, sob as máquinas de tomografia, ressonância magnética, etc.

4- O jovem plugado: usuários que se movem no ciberespaço enquanto seus corpos ficam plugados no computador para a entrada e a saída de fluxos de informações.

5- O jovem simulado: o corpo feito de algoritmos, de tiras de números, um corpo completamente desencarnado.

6- O jovem digitalizado: um projeto, visando à criação de representações tridimensionais, completas, anatomicamente detalhadas.

7- O jovem molecular: permite, pelas técnicas da bioengenharia e da engenharia genética, as manipulações do material genético.

Essa realidade pode ser a metáfora real das manipulações da juventude em nossos tempos e pode renovar a existência humana como um divisor de épocas.

O impacto tecnológico atinge em cheio o nosso conceito de jovem e nossa cosmovisão. Ficam nesse universo os bens espirituais como a saudade, a lembrança, o amor, o ódio e a fé.

A sorte está lançada: que respostas cristãs e humanas daremos aos jovens diante das novas tecnologias? Que respostas os jovens encontrarão para definir o rosto das futuras gerações?

6 - Mundo virtual e a espiritualidade juvenil

O grande desafio para os formadores para o mundo virtual é descobrir sua espiritualidade e aprofundar esse instrumental epistemológico como caminho para a fé e para a religiosidade pessoal e comunitária.

A espiritualidade está presente no mundo virtual, sobretudo porque temos a presença de numerosos conteúdos religiosos, com grande variedade de instituições de todos os modelos. Encontramos na internet grupos de oração, novenários, velas virtuais, momentos de meditação, multiplicação de textos sagrados e bíblicos e comentários sem fim. Muitos fiéis têm sua formação religiosa em sites, clips e vídeos religiosos.

Mais que descobrir os conteúdos religiosos da internet, devemos perguntar qual a espiritualidade da mesma. Sua espiritualidade é polêmica, proselitista e complexa, como o baú de tesouros que tem coisas boas e ruins. Necessário e fundamental é discernir e ter lucidez para perceber seus bens e descartar seu lixo virtual.

Muitas pessoas, sobretudo a massa juvenil, não sabem como lidar com a invasão da privacidade própria da Internet. Igualmente não sabem lidar com este instrumento poderoso e cheio de possibilidades. É preciso dialogar com os jovens para descobrir os bens da internet e servir-se para a própria formação e espiritualidade. A espiritualidade advinda da internet pode gerar ostracismo espiritual – eu e Deus – e perder a dimensão comunitária. Para a verdadeira espiritualidade cristã e orionita, recordamos que os meios de comunicação social são apenas instrumentos na formação e na espiritualidade; jamais sua essência e sua finalidade.

CONCLUSÃO

A temática deste trabalho é a juventude contemporânea, com suas realidades, desafios e perspectivas. A vulnerabilidade psicológica e a desigualdade social são aspectos dificultadores na construção de sua felicidade, de sua realização.

A vida urbana é uma realidade em quase todos os países. Poucos jovens estão vivendo no campo. A urbanização traz consigo inúmeros problemas, especialmente os ocasionados pelas desigualdades sociais. Conhecer o jovem com suas características próprias e conhecer o universo onde eles estão inseridos é *conditio sine qua non* para poder ajudá-los, daí o esforço do GEO em fazer este estudo.

Neste mundo marcado pelo individualismo e o indiferentismo uma boa ajuda consiste em inserir o jovem nos processos de formulação de políticas públicas que proporcionem melhor qualidade de vida para todos e, consequentemente, enfraqueçam aqueles elementos perturbadores e que põem em risco toda sociedade

A constituição brasileira prevê como direito do cidadão e dever do Estado: moradia digna, educação, saúde, segurança, saneamento básico, habilitação profissional, etc. A ausência de moradias dignas e disponibilidade de saneamento básico favorecem a proliferação de doenças que truncam futuros e ceifam vidas. A falta de oportunidade no mundo do trabalho obriga os nossos jovens a correr riscos, na busca pela sobrevivência.

Ao desnudar esta realidade nasce em todos nós um apelo: temos que cuidar dos nossos jovens, principalmente a grande maioria, vítima dos mecanismos de exclusões que os expulsam às periferias da vida e os deixam expostos aos riscos. Então, a inserção na luta pela concretização desses direitos deve ser uma missão dos jovens e de quem com eles caminham.

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

BAUMAN, Zygmunt, *Modernidade Líquida*, Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed, 1999.

BOGAZ, Antônio, *Dom Orione, o encantador da juventude*. Ed. Orione, São Paulo: 2005.

BOGAZ, Antônio – COUTO, Márcio A.(org.). *www.deus.com – ser igreja num mundo virtual*. CETESP – São Paulo: 2008;

- CANCLINI, NESTOR G.** *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair de la modernidad.* México: Grijalbo: 1990.
- CASTELLS, MANUEL.** *Sociedade em rede.* Rio de Janeiro. Paz e Terra: 2000.
- CHARLOT Bernard,** *Da relação com o saber: elementos para uma teoria.* Porto Alegre, 2000.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues,** *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas.* Rio de Janeiro: faperj. 2002.
- CARVALHO, Teresa Cristina de Melo Brito,** *A identidade do jovem na sociedade contemporânea,* in Saber Humano, ISSN 2446-6298, Edição Especial: Cadernos de Ontopsicologia, fev. 2016.
- COSTA, ROGÉRIO.** *Cultura digital.* São Paulo. Publifolha: 2002.
- CRITELLI, Dulce,** <http://www.emdialogo.uff.br/content/ilusao-das-redes-sociais>, publicado na Ed.81, 2013.
Educação, Formação & Tecnologias, nº 7, julho-dezembrode2014, www.significados.com.br.
- GALVÃO, Tatiana Verônica Bezerra,** *O papel das transformações sociais e da identidade juvenil na construção de comunidades de sentido,* 2008, Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação/UFBa, 2008.
- MELLUCCI, Alberto,** *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas.* Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- PONDÉ, Luís Felipe,** *Bauman, Zygmunt, a “Pós Modernidade,* in <http://www.emdialogo.uff.br>.
- SAHIUM, Rosana Guimarães Lobo e Tiballi, Elianda Figueiredo Arantes,** *A formação da identidade do jovem em processo de escolarização,* UCG: 2020.
- SANTAELLA, LUCIA.** *Cultura das mídias,* 4a. ed. São Paulo. Experimento:2003.
----- *Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura.* São Paulo. Paulus:2003.
- SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; Aznar-Farias, Maria; Silvaes, Edwiges Ferreira Mattos,** *A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório;* Estud. Psicol.. Vol. 8 n. 1, Natal, Jan/Abr 2003.
- SOUZA, Carmem Zeli Vargas Gil,** www.researchgate.net/publication/26423281_Juventude_e_contemporaneidade_possibilidades_e_limites.
- TRIVINHO, EUGÊNIO.** *Cyberspace: crítica da nova comunicação.* Tese de doutorado, ECA/Universidade de São Paulo: 1999.
- ZOLNNER, Hans,** *Pessoa e formação,* Paulinas, SP: 2011.